



Em louvor do espírito crítico

Muito influenciados pelo rufar dos tambores da guerra, os últimos meses marcam na vida nacional um período onde avultam as manifestações de intolerância, de desrespeito por opiniões diferentes ou divergentes, de discriminação política e gritante sectarismo.

Trata-se de um fenómeno que ensombra e vicia o debate democrático, impede uma leal confrontação de atitudes e posições sobre graves problemas e acontecimentos, tendendo a uma radicalização e agres-

sividade tanto mais emotivas quanto desprovidas de racionalidade e serenidade.

Com um universo mediático e seus comentadores, salvo honrosas mas caluniadas excepções, fazendo campanha militante por uma das partes que travam uma guerra trágica e indesejável, passou a ser um espectáculo quotidiano a deturpação, falsificação e caricatura de posições alheias, sempre repetidas apesar de claros desmentidos e inequívocos esclarecimentos.

E, numa ofensa directa a todos os antifascistas, chega a haver protagonistas que sugerem ilegalizações, assim repescando desavergonhadamente preconceitos e formas de actuar que os portugueses em boa hora sepultaram com o 25 de Abril.

Neste panorama assume também um papel de relevo a criação e exploração de «casos» que, apesar de nascerem com uma fraquíssima consistência, logo desembocam em acusações de enorme gravidade e em reprováveis sentenças condenatórias no tribunal da opinião pública.

Diante de tudo isto e muito mais, que nos dias de hoje se apresenta como uma avalanche imparável e que representa um grave e poderoso entorse na convivência democrática, impõem-se como exigências maiores do tempo que passa o amor à verdade e a resistência à mentira, a firme defesa do pluralismo e o combate às práticas discriminatórias, uma forte revalorização do espírito crítico e um firme rejeição de um consumismo mediático voltado para a manipulação de consciências.

Confiamos plenamente que os cidadãos que se reclamam dos valores do antifascismo e coerentemente dos mais generosos valores do 25 de Abril saberão, nestes tempos desafiantes, amargos e tempestuosos, dizer presente neste combate cívico pela verdade que é urgente e crucial.

Vitor Dias



ABRIL CELEBRADO EM TODO O PAÍS

A URAP desdobrou-se em largas dezenas de iniciativas comemorativas da Revolução de Abril e dos seus valores - págs. 9 a 13

NOVO LIVRO DA URAP SOBRE PRISÕES E PRESOS EM ANGRA DO HEROÍSMO - págs. 2 e 3

ASSEMBLEIA-GERAL TRAÇA CAMINHOS DE REFORÇO
- Págs. 6 e 7

URAP LANÇA NOVO LIVRO EM VIAGEM AOS AÇORES

«OS PRESOS E AS PRISÕES POLÍTICAS EM ANGRÁ DO HEROÍSMO»



Apresentação do livro em Angra do Heroísmo



Apresentação do livro em Ponta Delgada

O livro «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo» foi lançado em Angra do Heroísmo, dia 9 de Maio, e dois dias depois em Ponta Delgada. A apresentação da obra integrou-se numa viagem que um grupo de sócios e amigos da URAP fez às ilhas Terceira e S. Miguel, nos Açores, entre os dias 8 e 12 de Maio.

A sessão de lançamento em Angra do Heroísmo decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho e contou com a intervenção de José Pedro Soares, coordenador da URAP, e de Álam de Menezes, presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Estiveram ainda presentes o vice-presidente da Câmara, Guido de Luna da Silva Teles, e comandantes das autoridades militares e da polícia.

A obra foi apresentada pelo escritor Domingos Lobo, que assinalou que este é um «livro colectivo» que foi «construído com o rigor possível a partir dos documentos existentes na Torre do Tombo, dos arquivos

da ex-PIDE/DGS, de testemunhos que foram escritos pelos que estiveram enclausurados nas prisões políticas de Angra, que fazem parte do espólio da URAP».



Sublinhou que «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo» é «um livro político porque toma partido contra o silêncio, contra as subliminares tentativas de branquear a história do fascismo, nomeadamente o seu lado mais sórdido. Este livro é um poderoso épico, com nomes, rostos, palavras de um povo que se ergueu do chão raso da ignomínia e cantou o dia claro e o direito a respirar livremente na sua própria pátria».

«Político e histórico, este é o livro que conta a saga daqueles que viveram os tempos duros e sofridos da resistência ao fascismo, nas masmorras políticas da Fortaleza de S. João Baptista e no Castelinho de S. Sebastião, ambos na belíssima cidade de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. Um livro mais sobre as gerações que viveram a política, a amizade, o companheirismo, o sonho transcendente de um mundo outro, melhor, mais solidário e justo», afirmou.

Valorizar a memória

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, referiu, por seu lado, que a elaboração do livro constitui um acto de justiça para com os 645 antifascistas que ao longo de dez anos (1933-1943) passaram pela Fortaleza de São João Batista e pelo Castelo de São Sebastião (Castelinho), muitos deles em trânsito para o Campo de Concentração do Tarrafal.

Salientou o trabalho dos que se empenharam na investigação e recolha de informação que permitiu a realização do livro bem como o apoio prestado pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, na pessoa do seu presidente, Álam de Menezes.

José Pedro Soares falou do papel da URAP na preservação da memória da resistência à ditadura, na homenagem aos resistentes e na divulgação e denúncia da violência e da repressão fascistas, para que não se repita, referindo que seria importante haver na Fortaleza de São João Batista, à semelhança do que existe no Forte de Peniche, um memorial com os nomes dos 645 antifascistas que ali estiveram presos, para assim se perpetuar a sua memória e dá-los a conhecer aos que visitam a Fortaleza.

O presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Álam de Menezes, depois de agradecer a visita da delegação da URAP, manifestou o seu regozijo pela concretização do livro que permite um conhecimento mais aprofundado da utilização de Angra do Heroísmo e da Ilha Terceira como local de exílio e de prisão.

Referindo-se à obra, disse ser um importante contributo para a valorização da memória colectiva, lembrando os homens e as mulheres que na Ilha Terceira sofreram a prisão, a tortura e o desterro, e que constitui uma obrigação da nossa geração trazer à memória do presente esses tempos, cuja realidade foi propositadamente escondida e calada, mas que na Terceira ninguém podia alegar desconhecimento.



URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2

1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

Os fortes como prisões

O livro «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo», agora lançado e à venda em todo o país, relata a história dos dois fortes, desde a sua construção no século XVII, enquanto fortalezas militares, mas também dá exemplos da sua utilização como prisões político-militares, como o cativeiro do rei D. Afonso VI, a prisão de Gungunhana ou os prisioneiros alemães durante a I Guerra Mundial.

Aborda a deportação para os Açores e as prisões políticas de Angra durante

a Ditadura Militar (1926-1933) e no período do Estado Novo, desde 1933 até à desactivação em 1943, especificando o quotidiano dos prisioneiros políticos, a sua organização comunitária, a repressão. Descreve ainda o Calejão, da Poterna e das Furnas, as tentativas de fuga, os carcereiros, episódios do dia-a-dia, a luta para quebrar o isolamento.

O livro contém uma lista, elaborada com base nos arquivos da PIDE/DGS, na Torre do Tombo, no Museu Militar e em

tantas outras instituições, abrangendo mais de seis centenas de presos, com indicação das profissões, naturalidade e data da prisão. Faz uma referência particular aos presos naturais dos Açores (estão identificados 40) e ainda a duas mulheres, por serem suspeitas de entregarem aos presos correspondência clandestina, e inclui algumas notas biográficas resumidas de presos cuja estada em Angra justifica particular destaque.

Viagem de Memória, resistência e luta

A viagem às ilhas Terceira e S. Miguel, nos Açores, teve igualmente uma vertente de lazer, que levou a delegação da URAP, composta por 23 pessoas, dia 9, a Porto Negro, na freguesia de S. Mateus, na costa sul, onde em tempos idos chegavam à terra as baleias e se retirava o óleo que era ali recolhido em tanques de pedra.

Em seguida, visitaram a queijaria do Queijo Vaquinha, de leite de vacas raça Jersey, em Cinco Ribeiras, ainda na costa sul; a antiga vigia de baleias na Ponta do Raminho, na costa oeste; e a vinha de Biscoitos na costa norte, umas pequenas vinhas cercadas de muros de pedra para protecção do vento e do sal do mar.

No mesmo dia, a delegação deslocou-se ao Forte de São Sebastião (séc. XVII), transformado em Pousada de Portugal, em 2015, e à Fortaleza de São João Baptista, ocupada agora pelo Regimento de Guarnição n.º 1, onde pôde ver as covas na rocha que foram as celas filipinas, utilizadas para os presos da ditadura fascista.

No dia seguinte, 10 de Maio, a delegação foi ao pico do Monte Brasil, onde vislumbrou a caldeira do vulcão; subiu à Serra da Ribeirinha para ver as pastagens de gado bovino e mais abaixo as plantações de bananas na freguesia de São Sebastião; e também à Serra do Cume sobre a enorme caldeira de um vulcão, com quase 5000 propriedades de pastagens muradas.

O dia 11 passou-se já em Ponta Delgada. O grupo visitou a fábrica de chá na Ribeira Grande; a Lagoa das Furnas; as fumarolas; o parque botânico Terra Nostra; e subiu à Lagoa do Fogo.

Ao final da tarde houve nova apresentação do livro «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo», numa sala do Hotel Avenida.

José Pedro Soares e Domingos Lobo entrevistaram na sessão, que contou com um acolhimento muito bom por parte das 35 pessoas presentes que reconheceram o papel da URAP na preservação da memória.

O último dia passado em solo açoriano, 12 de Maio, foi preenchido com visitas às estufas de ananases, à saída de Ponta Delgada; às caldeiras dos vulcões: Lagoa do Canário e Lagoas das Sete Cidades; e a outros pontos com paisagens magníficas, como Ponta do Escalvado e Ponta dos Mosteiros, com múltiplos tons de verde das pastagens a perder de vista, salpicados por centenas de vacas e bezerros.



Nas vinhas de Biscoitos, no norte da Ilha Terceira



À entrada da Fortaleza de São Sebastião (Castelinho)



Na Serra do Cume, Caldeira do vulcão, Terceira

SESSÕES DE NORTE A SUL «ELAS ESTIVERAM NAS PRISÕES DO FASCISMO» PERCORRE O PAÍS



Avis



Silves



Viseu



Setúbal



O livro «Elas estiveram nas prisões do fascismo» continua a ser apresentado em todo o país. Presta homenagem e conta a história da resistência no feminino.

Em **Mora**, o livro foi apresentado no dia 20 de Abril por Eulália Miranda, da direcção da URAP, e Margarida Machado, do Conselho Nacional, no Centro de Reformados, Pensionistas e Idosos. As mesmas dirigentes participaram, no dia 22, no lançamento do livro em **Avis**.

No mesmo dia, mas em **Silves**, numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Silves e da URAP, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, apresentou a obra na Biblioteca Municipal daquele concelho algarvio. O livro pretende ser um contributo para «resgatar de um relativo esquecimento» o relevante papel das mulheres na luta pela liberdade. Intervieram ainda o vereador Tiago Raposo, em representação do Município de Silves, e José Viola, da URAP.

No dia 23, em **Arraiolos**, a Biblioteca Municipal acolheu a sessão de apresentação do livro, em que participaram José Pedro Soares, coordenador da URAP, e Eulália Miranda. A sessão foi convocada pela Câmara Municipal de Arraiolos e pela URAP. Ainda a 23, mas em **Elvas**, numa iniciativa conjunta da CDU e da URAP, José Pedro Soares falou sobre o livro no magnífico cenário do Castelo de Elvas.

Em **Viseu**, o livro «Elas estiveram nas prisões do fascismo» foi apresentado, dia 23 de Abril, por Conceição Matos, expressa política nascida em São Pedro do Sul, naquele distrito, sujeita a torturas e espancamentos. A sessão foi organizada pelo núcleo de Viseu/Stª Comba Dão da URAP e pelo núcleo de Viseu do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), no Bar Pinguinhas, onde actuou o artista Xô Torres. Para a oradora, «a resistência ao fascismo protagonizada pelas mulheres que estiveram presas pelo regime de Salazar é um tema insuficientemente tratado por estudiosos e pouco mencionado na evocação da luta pela liberdade e pela democracia».

A 7 de Maio, a obra foi difundida no Centro Cultural de **Macedo de Cavaleiros**. Numa sessão moderada por Joana Monteiro, do MDM, foram homenageadas as 50 mulheres do distrito de Bragança referidas na obra. A mesa era composta por Teresa Lopes, do Conselho Directivo da URAP, e Fátima Bento, do MDM. Paula Silva, do MDM, leu alguns poemas alusivos ao tema e Ana Souto, da mesma organização, interveio sobre a luta das mulheres - na resistência ao fascismo e hoje.

No dia 1 de Junho, José Pedro Soares apresentou o livro no Auditório do **Sindicato dos Enfermeiros Portugueses**, juntamente com Teresa Amélia Carvalho, do sindicato. Em destaque esteve o papel de

Isaura Borges Coelho (1926-2019), figura incontornável da luta das enfermeiras pelo direito ao casamento, melhores condições de trabalho e cuidados de saúde, julgada e condenada em 1954 a dois anos de prisão, com perda de direitos políticos. Devido às famigeradas «medidas de segurança», acabou por ficar detida o dobro do tempo.

O livro «Elas estiveram nas prisões do fascismo», os 48 anos do 25 de Abril e os 60 anos da Revolta de Beja foram evocados, dia 16 de Abril, na Casa da Cultura de **Beja**, depois de uma caminhada nocturna pela cidade saindo do Regimento de Infantaria 1.

A obra editada pela URAP constituiu também o ponto de partida para uma conferência no feminino, dia 9 de Abril, no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de **Setúbal** (Maeds). A iniciativa foi promovida pelo MDM e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, com o apoio da URAP e da Associação de Municípios da Região de Setúbal. Isabel Araújo Branco proferiu a palestra «A Luta das Mulheres durante a Ditadura Fascista em Portugal», antecedida pela abertura da exposição «Um mundo a preto e branco. Meio século de opressão e sombras», de Rosa Nunes.

Para 15 de Junho, já após o fecho desta edição, estava marcada uma sessão em Ferreira do Alentejo, com a participação do jornalista Carlos Pereira.

NÚCLEO DO PORTO EVOCOU ACONTECIMENTO HISTÓRICO 50 ANOS DA GRANDE MANIFESTAÇÃO CONTRA A CARESTIA DE VIDA

O núcleo do Porto da URAP recordou, dia 14 de Abril, os 50 anos da grande manifestação contra a carestia de vida de 15 de Abril de 1972, que reuniu na Praça da Liberdade/Avenida dos Aliados, no Porto, mais de 40 mil manifestantes, num contributo para a acção libertadora do 25 de Abril, ocorrida dois anos depois.

Cerca de uma centena de pessoas estiveram, à mesma hora e no mesmo local, numa concentração de evocação dessa luta, que então abalou fortemente o regime fascista, e dos milhares de manifestantes que, enfrentando corajosamente a brutal repressão fascista, deram corpo ao combate contra a carestia de vida, pelo aumento geral dos salários, pelo fim da guerra colonial e por liberdades e garantias democráticas.

Foram vários os depoimentos de quem viveu por dentro e participou na

organização da grande manifestação. Falaram Teresa Lopes, do Conselho Directivo da URAP, Domingos Oliveira, Laura Valente, João Avelino, Faustina Barradas (então funcionária do PCP, na clandestinidade) e Priscila Valadão,

membro do Movimento «Sempre os Mesmos a Pagar».

Meio século depois, os portugueses - apesar de viverem em democracia e terem uma Constituição da República que inscreve os seus direitos ao trabalho, a salários dignos, à saúde, à segurança social e à educação - confrontam-se com muitos dos graves problemas de então, com o aumento brutal do custo de vida, os baixos salários e pensões, o recrudescimento de forças fascistas e uma situação de guerra.



80 anos de Adriano Correia de Oliveira



Adriano Correia de Oliveira, figura da resistência ao fascismo e da canção de intervenção portuguesa, morreu aos 40 anos, em 16 de Outubro de 1982. Para o lembrar, o Centro Artístico Adriano Correia de Oliveira está a convidar pessoas, colectividades e instituições a aderirem ao projecto de comemoração dos 80 anos do Adriano.

Foi já lançada uma petição ao Ministério da Cultura para protecção da obra de de Adriano, que pode ser assinada em <https://adrianocorreiaoliveira.org/peticao/>.

A Comissão Promotora das Comemorações dos 80 Anos de Adriano Correia de Oliveira, que a URAP integra, tem já um significativo número de apoiantes (individuais e instituições) e pronta uma Serigrafia Adriano, com 200 exemplares autenticados. Diversas iniciativas estão a ser programadas para 2022.



O núcleo de Almada da URAP promoveu, no dia 13 de Abril, uma visita guiada ao Museu do Aljube - Resistência e Liberdade

URAP CELEBRA ANIVERSÁRIO E REALIZA ASSEMBLEIA-GERAL

A URAP celebrou, dia 30 de Abril, com um almoço, o seu 46.º aniversário, e realizou no mesmo dia a Assembleia-Geral Ordinária, em sessão dirigida pelo presidente da Mesa, Levy Baptista. Ambas as iniciativas foram realizadas na Casa do Alentejo, em Lisboa.

Participaram na Assembleia 98 associados, que aprovaram por unanimidade o Relatório de Actividades de 2021, o Relatório das Contas de 2021 e respectivo parecer do Conselho Fiscal, o Relatório de Actividades de 2021 e o Plano de Actividades para 2022.

César Roussado, do Conselho Directivo, interveio em seguida para fazer uma síntese do balanço da actividade no período que medeia a última assembleia e a presente.

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, assinalou o facto de a assembleia se realizar a 30 de Abril, no 46.º aniversário da URAP, e caracterizou a organização como «de intervenção política, associativa, cívica, de luta e resistência, de que nos orgulhamos, (...) que se encontra documentado, ao longo dos anos, nas edições regulares do nosso Boletim».

José Pedro Soares reafirmou que o caminho da URAP será de «intervenção e luta, em defesa da memória histórica da resistência antifascista, ao mesmo tempo que, atentos à actualidade política e social, procuramos sinalizar e combater os novos fenómenos ligados ao reaparecimento da extrema-direita, xenófoba e fascista, e também a guerra».



Intensa actividade

O coordenador da URAP lembrou o reforço dos núcleos e a actividade da organização, destacando entre outros «o trabalho com escolas e professores, as inúmeras sessões do Roteiro da Resistência em tantas localidades para dar a conhecer os livros editados pela URAP, as sessões evocativas de lutas, publicações, aniversários de lutas travadas».

Alertou ainda para a campanha Uma sede para a URAP, devido à necessidade de «um espaço com melhores condições onde possamos reunir e trabalhar», referiu-se ao trabalho de levantamento dos nomes de expostos políticos e às relações internacionais, para elencar em seguida as muitas tarefas que a URAP prevê realizar no futuro.

Carlos Mateus, do Conselho Directivo, apresentou a campanha de fundos com vista à aquisição de uma sede para a URAP.

João Neves, membro do Conselho Nacional e responsável do núcleo de Peniche, centrou a sua intervenção na importância do trabalho da URAP nas escolas, fazendo um balanço «das dezenas de sessões presenciais e on-line nas escolas do 2.º e 3.º ciclos, do Secundário e em universidades».

Marília Villaverde Cabral, vice-presidente da Assembleia-Geral, apresentou uma Moção à assembleia, que será enviada aos órgãos de soberania, votada com cinco abstenções, na qual os presentes «apelam à imediata cessação das operações militares e a adopção de uma solução negociada para o conflito [na Ucrânia], de acordo com o Direito Internacional e os princípios da Carta das Nações Unidas».





Núcleos activos

Para relatar os trabalhos realizados e as perspectivas para 2022, entrevistaram ainda vários dirigentes e representantes dos núcleos, como José António Amador, de Peniche; Diamantino Patarata, do Conselho Nacional, da Moita; Sá Marques, de Santa Iria da Azóia; Vladimiro Inácio, de Vila Franca de Xira; Teresa Lopes, do Conselho Directivo, do Porto; Luís Matos, de Setúbal; Silvina Miranda, de Évora; Edgar Costa, de Almada; Margarida Machado, do Conselho

Nacional, de Montemor-o-Novo; José Marcelino, do Conselho Nacional; Jaime Machado, de Aveiro; António Vilarigues, do Conselho Nacional, de Viseu; Carlos Areal, de Alenquer; Armando Silva, de Évora; Jorge Matos, do Conselho Nacional, de Braga; Joana Gonçalves, de Lisboa; Francisco Canelas, do Conselho Directivo; Eugénio Ruivo, de Mafra.

A mesa da Assembleia-Geral era composta pelo presidente, Levy Casimiro Baptista, a vice-presidente, Marília

Villaverde Cabral, a primeira secretária, Celestina Leão, e a segunda secretária, Eulália Miranda.

Os sócios presentes pertenciam aos núcleos do Algarve, Almada, Amadora, Aveiro, Barreiro, Beja, Braga, Cacém, Cascais, Évora, Lisboa, Loures/Odivelas, Mafra, Mem Martins, Moita, Montemor-o-Novo, Peniche, Porto, Queluz, Santa Iria da Azóia, Seixal, Setúbal/Palmela, Vila Franca de Xira e Viseu.

46 anos comemorados no Porto



Num almoço realizado num restaurante típico, com 31 amigos da URAP, o núcleo do Porto celebrou os 46 anos da organização, dia 14 de Maio, com convívio e poesia que consta do livro «Elas estiveram nas prisões do Fascismo» e a canção heróica de Fernando Lopes-Graça e José Gomes Ferreira, «Jornada».

Teresa Lopes, do Conselho Directivo, interveio sobre as origens e razões da criação da URAP, há 46 anos, e da sua luta pela preservação da memória do fascismo e da resistência.

Sublinhou ainda os problemas e complexidades da situação actual a justificar mais do que nunca a exigência de continuar esse combate hoje. Nesse sentido, lembrou o trabalho da URAP pelo projecto no edifício da ex-PIDE do Porto e apelou à inscrição de mais associados.

Campanha de fundos «Uma sede para a URAP»



O crescimento da URAP e da sua actividade, e o aumento do número sócios tornam necessário à organização «possuir um espaço próprio na cidade de Lisboa, destinado à sua sede, com capacidade para acolher os serviços administrativos e espaços para reuniões dos dirigentes e associados, e também, eventualmente, para convívio e realização de actividades de natureza lúdica e cultural.

Deste modo, e dada a urgência na sua concretização, a URAP iniciou uma campanha de fundos, com o objectivo de alcançar a quantia de 250.000 euros», pelo que se apela a todos os sócios e a amigos da URAP para uma contribuição especial, da ordem dos 1000 euros.

Será aberta uma conta bancária para o efeito.

ENRAIZAMENTO LOCAL URAP E JF DO PINHAL NOVO CELEBRAM PROTOCOLO

A URAP assinou, no dia 20 de Maio, um protocolo de colaboração com a Junta de Freguesia do Pinhal Novo, visando a organização de iniciativas conjuntas para preservar a memória da luta antifascista e combater o branqueamento dos crimes da ditadura.

Assinado pelo presidente da Junta, Carlos Almeida, e pelo coordenador da URAP, José Pedro Soares, o documento relata as características das duas organizações, destacando o papel da URAP durante a ditadura e no Portugal democrático e o desejo daquela autarquia de «promover acções que convirjam na preservação da memória da luta e da resistência do nosso Povo, pela instauração do regime democrático».

No documento, assinala-se ainda que na «actualidade, Portugal e o Mundo testemunham permanentes ameaças e violações à liberdade, à autonomia dos povos e à paz».

O protocolo visa promover a sensibilização da comunidade e das novas gerações para as questões da luta pelas liberdades, «mantendo vivo o conhecimento do que foi a ditadura que oprimiu os portugueses e reconhecer o inestimável valor daqueles que contra ela lutaram», lê-se no documento. A Junta de Freguesia disponibiliza o seu Salão Nobre para a realização de acções.

Por seu lado, a URAP promoverá «actividades dirigidas à população em



geral e, particularmente vocacionadas para as novas gerações e comunidade educativa, organizando nas escolas e junto do movimento associativo e social da freguesia do Pinhal Novo, sessões, palestras, exposições de promoção dos valores democráticos e divulgação da memória histórica relacionada com a resistência ao fascismo».

Entre as iniciativas a levar a cabo, o protocolo destaca «a preparação atempada do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos».

Na morte de Afonso de Albuquerque

O psiquiatra e antifascista Afonso de Albuquerque, que pertenceu à Comissão Nacional de Socorro dos Presos Políticos e foi, após o 25 de Abril, delegado da Ordem dos Médicos na Comissão de Extinção da PIDE/DGS, morreu dia 5 de Abril, em Lisboa.

Nascido em 24 de Julho de 1935, Afonso de Albuquerque foi preso duas vezes pela PIDE, a última das quais em Maio de 1972, por pertencer à Comissão Nacional de Socorro dos Presos Políticos, que publicou uma lista com as torturas perpetradas pela polícia política. Permaneceu três semanas no Forte de Caxias.

Pioneiro nos estudos sobre o stress pós-traumático de guerra, era formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, em 1960, cumpriu o serviço militar em Moçambique, entre 1961 e 1964, como alferes miliciano médico, partindo depois para o Reino Unido, de onde regressaria em 1968 com o título de especialista em psiquiatria atribuído pelo Royal College of Psychiatrists.

Iniciou a sua carreira profissional no hospital Júlio de Matos, em Lisboa, onde em 1981 se torna director do Serviço de Psicoterapia Comportamental, cargo que manterá até à sua aposentação, em 1997.



Em 1988, criou a fundação APOIAR, destinada a ajudar os ex-combatentes vítimas do stress de guerra, e que se mantém em funcionamento até hoje. Colaborou na elaboração da lei de apoio às vítimas de stress pós-traumático de guerra, aprovada em Junho de 1999.

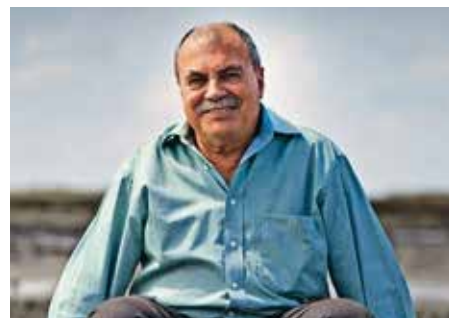
António Regala homenageado em Aveiro

António Regala, grande figura antifascista de Aveiro, que morreu em Janeiro passado, foi homenageado dia 23 de Abril naquela cidade, numa cerimónia organizada pela URAP.

A sessão, que decorreu na sede da Assembleia Municipal de Aveiro, contou com a presença de cerca de uma centena de amigos do homenageado, entre os quais António Neto Brandão, o único elemento vivo da Comissão Executiva do III Congresso da Oposição Democrática de Aveiro.

A URAP fez-se representar pelo coordenador do Núcleo de Aveiro, Jaime Machado, que leu uma mensagem enviada por Marília Villaverde Cabral, vice-presidente da Assembleia Geral da URAP, ausente por motivos de saúde.

Falaram ainda os representantes do Partido Comunista Português, Octávio Augusto, membro da Comissão Política do Comité Central; a presidente do Circulo Experimental de Teatro de Aveiro, Rosa Laranjeira; e o presidente do Sport Clube Beira Mar, Afonso Miranda.



A Câmara Municipal de Aveiro e a Junta da União das Freguesias da Glória e Vera Cruz fizeram-se representar.

MOMENTO ALTO DA CONQUISTA DA LIBERDADE EVOCADA A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS DE CAXIAS E PENICHE A 27 ABRIL

A URAP organizou, dia 27 de Abril, no âmbito da Comemorações Populares da Revolução dos Cravos, duas cerimónias, em Caxias e Peniche, para evocar a libertação dos presos políticos daquelas cadeias, momento marcante do acto revolucionário do Movimento das Forças Armadas, aliado ao povo português, iniciado a 25 de Abril de 1974.

Em Caxias, cerca de 150 democratas concentraram-se junto ao monumento erguido em memória dos presos políticos, e a cerimónia foi dirigida por Adilo Costa, ex-preso político em Caxias, membro do Conselho Nacional da URAP, que destacou a importância da iniciativa como um marco na preservação da memória.

As intervenções estiveram a cargo de Luísa Vaz Oliveira, ex-presa política em Caxias, e do Coronel João Menino Vargas, da Associação 25 de Abril, que participou no acto de libertação dos últimos presos políticos do fascismo, em Caxias, na madrugada de 27 de Abril de 1974.

Luísa Vaz de Oliveira, que fez parte de um grupo de quatro estudantes de Económicas (hoje ISEG), preso entre 1970 e 1971, esteve detida durante 20 meses, relatou as experiências vividas pelas mulheres presas.

Por seu lado, o Coronel João Menino Vargas referiu os crimes do fascismo, a opressão e a necessidade do acto libertador de 25 de Abril. Sublinhou que os militares fizeram o golpe militar, mas que foi o povo que fez a Revolução.

No mesmo dia, um grupo de 150 pessoas concentrou-se junto ao Forte de Peniche, numa cerimónia dirigida por Carlos Mateus, membro do Conselho Directivo da URAP, que agradeceu a presença de ex-presos políticos e destacou a importância da iniciativa pela preservação da memória do dia em que as Forças Armadas libertaram os últimos presos políticos do fascismo, em Peniche.

Na sessão, falaram Clemente Alves, ex-preso político em Peniche



e membro do Conselho Nacional da URAP; o Coronel José Maria Azevedo, que participou no acto de libertação dos últimos presos políticos do fascismo, a 27 de Abril de 1974; a vereadora Ana Batalha, da Câmara Municipal de Peniche, que salientou a importância do Museu como factor de preservação da memória da resistência e luta dos presos contra a ditadura; e a directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, Aida Rechenha, que destacou as excelentes relações e colaboração entre o Museu e a URAP e o valor da existência do Museu para a preservação da memória da luta contra a ditadura.

Os dois encontros foram encerrados com os «Amigos de Abril», que interpretaram várias canções de intervenção conhecidas, que os presentes acompanharam com alegria.

URAP PRESTA HOMENAGEM A CAPITÃO DE ABRIL GERTRUDES DA SILVA



A URAP prestou homenagem, dia 28 de Abril, a Diamantino Gertrudes da Silva (1943-2018), que promoveu a libertação dos presos da cadeia de Peniche. A homenagem decorreu na Vila de Alvite, concelho de Moimenta da Beira, onde foi deposta uma coroa de cravos junto ao busto do Capitão de Abril.

O homenageado foi recordado por António Vilarigues, em nome do núcleo de Viseu-Santa Comba Dão da URAP, e pelo presidente da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, Paulo Figueiredo.

Na madrugada de 24 de Abril de 1974, Diamantino Gertrudes da Silva partiu do RI-14 em Viseu, comandando o grupo November (grupo insurreccional da Região Militar do Centro), o RI 10 de Aveiro e duas unidades militares da Figueira da Foz, com a missão de se deslocar ao Forte de Peniche e promover a libertação dos presos, antes de marchar sobre Lisboa.



A URAP esteve presente no 1.º de Maio em vários pontos do país. Numa banca, na Alameda, em Lisboa, foram vendidas as publicações da URAP e contactados muitos democratas que por ali passaram.

Revolução celebrada em todo o País

Panos, bandeiras, exposições, cravos e muitas pessoas para comemorar Abril

Em Lisboa, no Porto, em Vila Franca de Xira, em Almada, na Moita, em Setúbal, em Palmela, em Braga, em Mafra, em Chaves, em Viseu, e em tantos outros lugares, membros e amigos da URAP festejaram o 48.º aniversário do 25 de Abril, promovendo exposições, convívios ou integrando-se nos desfiles oficiais das comemorações populares.

Em **Lisboa**, a imensa manifestação desceu, como sempre, a Avenida da Liberdade até ao Rossio, onde se realizou um comício. O ambiente era de festa e a participação da juventude particularmente expressiva.

O pano da URAP, que saudava o 25 de Abril e rejeitava o fascismo, era segurado pelos dirigentes da organização, e seguido por muitas pessoas.

No **Porto**, um grande número de amigos da URAP, que também ali integra a Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril, concentrou-se junto à antiga cadeia, no Largo Soares dos Reis, onde Mário Esteves e Manuela Espírito Santo falaram aos manifestantes, para em seguida descerem aos Aliados.



Mário Esteves, dirigente da URAP, destacou o facto de o início do desfile ser «em frente ao edifício onde a polícia política prendeu, torturou e matou», enquanto a escritora Manuela Espírito Santo focou a sua intervenção na denúncia da responsabilidade dos órgãos de comunicação social no momento «particularmente conturbado em que vivemos».

Em **Vila Franca de Xira**, o núcleo da URAP organizou um desfile comemorativo do 25 de Abril, encabeçado pelos ex-presos políticos Afonso Rodrigues, Álvaro Pato, António Nabais, Eduardo Meireles e José Ernesto Cartaxo.

Juntaram-se ao desfile elementos dos movimentos associativo e sindical e muitas, muitas pessoas para comemorar e

defender Abril. No final usaram da palavra Cláudia Martins, do núcleo concelhio da URAP, e Álvaro Pato, ex-presos político e natural de Vila Franca de Xira.

Em **Almada**, o núcleo da URAP esteve presente com uma faixa e integrou o desfile que culminou na Praça do Movimento das Forças Armadas, onde foi depositada uma coroa de flores no Monumento aos Perseguidos.

Inicialmente, houve uma sessão solene da Assembleia Municipal, no Fórum Romeu Correia, seguindo-se nas Praças de São João Batista e da Liberdade actuações das quatro Bandas Filarmónicas de colectividades do concelho, das fanfarras das corporações de bombeiros de Cacilhas e de Almada e de grupos folclóricos do concelho.

Na **Moita**, o núcleo da URAP integrou o desfile do 25 de Abril do movimento associativo e participou num jantar comemorativo da data, em conjunto com o MDM, a Associação Conquistas da Revolução e o Ginásio Clube.

Em **Setúbal**, a URAP participou na homenagem aos antifascistas com deposição de flores no Monumento à Resistência, na Avenida Luísa Todi, numa iniciativa organizada pela autarquia em conjunto com a URAP. O presidente da Câmara, André Valente Martins, e Pedro Soares, do núcleo da URAP, usaram da palavra. Em seguida, no Fórum Municipal Luísa Todi, decorreu a Sessão Solene do 25 de Abril da Assembleia Municipal de Setúbal, que incluiu uma homenagem



a Adriano Correia de Oliveira e um apontamento musical pelo Coro Feminino TuttiEncantus.

No dia 24 de Abril, Adilo Costa, do Conselho Nacional da URAP, esteve em representação da organização num jantar de democratas, em Setúbal, comemorativo do 25 de Abril.

Em **Palmela**, esteve patente ao público no paredão do Largo de S. João, até 3 de Maio, a exposição documental «25 de Abril sempre», cedida pela URAP, no âmbito de uma parceria com a Câmara Municipal de Palmela.

A exposição da URAP «Casas e lugares clandestinos de luta contra o Estado Novo no concelho de Palmela» foi aberta ao público no Foyer do Cine-Teatro S. João. Resulta igualmente de uma parceria com a Câmara Municipal.

A convite da Junta de Freguesia de **Pinhal Novo** (concelho de Palmela), a URAP esteve presente na deposição de uma coroa de flores no monumento ao 25 de Abril.

Em **Braga**, a URAP organizou a exposição «25 de Abril – ontem e hoje – evocação, memória e luta», na Casa do



Trabalhador, numa iniciativa que contou com o apoio da União dos Sindicatos do Distrito de Braga. Nela estão retratados os 48 anos pela liberdade e a democracia em Portugal, e ainda os tempos que antecederam a revolução. A mostra esteve patente até 13 de Maio e integrou-se no programa das comemorações populares do 25 de Abril, que incluiu também, entre outras iniciativas, o concurso de desenho «Semear o mundo», no qual participam crianças entre os 5 e os 10 anos.

Em **Mafra**, no Jardim das Camélias, em frente ao Jardim do Cerco, o núcleo da URAP de Mafra organizou uma concentração para homenagear todos os antifascistas presos entre 1933 e 1974. «Aos que em Mafra, na longa noite fascista, foram portadores da chama da liberdade. O nosso reconhecimento», lê-se na placa instalada no local no 40.º aniversário do 25 de Abril.

Usou da palavra Eugénio Ruivo, ex-presos político, os presentes depuseram simbolicamente 48 cravos junto da lápide e apelaram à futura instalação de um memorial, num espaço nobre da cidade, com os nomes dos 140 antifascistas presos, no âmbito das comemorações do 50º Aniversário do 25 de Abril.

Em **Chaves**, realizou-se um debate organizado pela União de Sindicatos de Vila Real, com intervenções da URAP, ACR, Amnistia Internacional e CGTP-IN, que encerrou. Maria José Ribeiro, da URAP, apresentou a organização, que em 30 de Abril comemorou o 46.º aniversário, a razão da sua criação, a sua actividade, dando a seguir exemplos da luta travada, a nível pessoal e familiar, contra o regime fascista e suas consequências, o papel das mulheres, no antes e depois de Abril, e a luta continuada pela defesa dos seus valores.

Constituição fez 46 anos

A URAP assinalou os 46 anos da aprovação da Constituição da República Portuguesa numa sessão realizada no dia 2 de Abril no Auditório da Biblioteca Espaço Cultural Cinema Europa, em Lisboa. Intervieram os deputados constitucionais José Manuel Maia, do Conselho Nacional, e Levy Baptista, presidente da Assembleia-Geral. A sessão, em que estiveram presentes mais de 60 pessoas, entre as quais o coordenador da URAP José Pedro Soares, foi presidida por Marília Villaverde Cabral.

Também no Porto a URAP participou na sessão promovida pelo CPPC na Cooperativa do Povo Portuense, com uma intervenção de José Paulo Morgado.

No dia 23, a data foi evocada em Almada, numa sessão realizada no Auditório Osvaldo Azinheira, da Academia Almadense, presidida por Carlos Mateus, do Conselho Directivo, e com a presença de José Manuel Maia e Bruno Dias, actual deputado do PCP na Assembleia da República e sócio da URAP.

Foi sublinhado o valor progressista da Constituição aprovada em 1976 e denunciado o conteúdo das sete alterações que, ao longo dos anos, a foram descaracterizando, com a eliminação de princípios fundamentais para o bem-estar do povo, e a sobrevalorização dos interesses económicos e políticos do grande capital e dos seus agentes, numa lógica de claro alinhamento com o imperialismo belicista. Mantém, ainda assim, o projecto de um País mais justo, desenvolvido e soberano.



POR OCASIÃO DOS 48 ANOS DO 25 DE ABRIL URAP FALA COM A JUVENTUDE SOBRE FASCISMO E LIBERDADE

A URAP promove, todos os anos, sessões, conversas, exposições nas escolas do país com o objectivo de contactar com os jovens para lhes contar o que foi o tempo do fascismo, celebrar o 25 de Abril de 1974 e a construção da democracia. Este ano, celebrando os 48 anos da Revolução, a URAP participou em meia centena de sessões, nas quais participaram cerca de 4000 alunos e dezenas de professores.

Dirigentes da URAP, sobretudo ex-presos políticos, mulheres e homens resistentes da luta antifascista, deslocam-se às escolas para, em colaboração com professores, departamentos, agrupamentos, associações de pais e de estudantes ou quaisquer outras entidades, falar com os jovens durante os meses de Abril e Maio, e ao longo de todo o ano. Encontramos aqui um apanhado de algumas delas, embora possamos vir sempre a completar este nosso relato.

Os interlocutores falam das cadeias da ditadura, da falta de liberdade de expressão e associação, da censura, das condições de trabalho, da miséria, da fome, do papel da mulher na sociedade de então. Contam o que se passou a 25 de Abril de 1974, quando o MFA derrubou o regime fascista, em aliança com o povo português. Dizem como se construiu depois um Portugal livre e democrático, que ficou consagrado na Constituição da República Portuguesa aprovada a 2 de Abril de 1976.



Escola Básica 2+3 da Venda do Pinheiro, Mafra, cujas sessões decorreram nos dias 3 de Abril e 16 e 18 de Maio

As sessões constituem igualmente uma oportunidade para, a partir do conhecimento do fascismo, se pensar acerca do estado da democracia hoje, dos objectivos das forças antidemocráticas e das tarefas actuais que se impõem na defesa da liberdade no presente.

De Norte a Sul

No concelho de **Mafra**, nos agrupamentos de escolas de Mafra, Ericeira e Venda do Pinheiro, realizaram-se 11 sessões em que participaram 900 alunos e 30 professores..

Neste concelho, a 27 de Abril, Eugénio da Costa Ruivo, ex-presopolítico e membro da URAP, falou com centenas de estudantes que participaram em sessões na Malveira (na Escola Básica e Secundária), com alunos do 2.º Ciclo do EB, e na EB e Secundária Professor

Armando Lucena, com alunos do 10.º ano. No dia seguinte, deslocou-se à escola EBS da Ericeira, onde estavam 100 estudantes, e a 29 de Abril, à escola EB Hélia Correia, para dialogar com alunos do 4.º ano, na presença de 120 alunos de seis turmas.

Ainda em Mafra, e no dia 28, na Escola Básica e Secundária António Bento Franco da Ericeira, Luís Farinha, historiador e ex-director do Museu do Aljube Resistência e Liberdade, apresentou o caso do polaco Pinkus Israeli, um apátrida preso nos anos 40, que viveu na Ericeira. O orador relatou que a Ericeira foi um local que acolheu 3000 refugiados, 34 dos quais estiveram presos.

Participaram ainda em sessões naquele concelho José Jaime Fernandes, ex-presopolítico libertado a 27 de Abril da Fortaleza de Caxias; Luísa de Medeiros,



Escola Básica D. António Ataíde, Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira, com José Marcelino e Luís Figueiredo, no dia 22 de Abril



Escola Básica D. Luís Mendonça Furtado, Barreiro, com Xico Braga, no dia 22 de Abril



Escola Básica Sanches de Brito, Mafra, com Eugénio Ruivo e José Jaime Fernandes, no dia 23 Abril



Escola Básica António Augusto Louro, na Arrentela, Seixal, com Ana Pato e Armando Morais, nos dias 26 e 28 de Abril

filha de um ex-preso político mafrense e refugiada política em Bruxelas, e José António, que abordou o caso da prisão do ex-padre Ismael Nabais Gonçalves em Janeiro de 1974 naquele concelho.

No concelho de **Peniche**, houve 11 sessões em escolas e na Universidade Sénior, com um total de 385 alunos. Numa delas, a 20 de Abril, João Neves falou sobre o 25 de Abril na Escola Básica 1, 2, 3 de Peniche. A 26 de Abril, os antifascistas e ex-presos políticos Domingos Abrantes e Conceição Matos falaram da resistência aos alunos da Escola Secundária.

Em **Almada**, mais precisamente em escolas do Laranjeiro, Almada, Costa de Caparica e Monte de Caparica, fizeram-se 11 sessões, com a participação de 330 alunos. A 22 de Abril, na Escola Secundária Emídio Navarro, cerca de 100 alunos e quatro professores, de uma turma de 10.º ano, duas turmas de 11.º e uma de 12.º ano, ouviram Carlos Mateus falar sobre a revolução. A iniciativa partiu da iniciativa da Associação de Estudantes. Na Escola Secundária do Monte de Caparica, em 2 de maio, para duas turmas do 9.º ano e cerca de 60 alunos, participou Adelino Pereira da Silva, ex-preso político. Na Escola Secundária Prof. Ruy Luís Gomes, em 29 de abril, com uma turma de 12º ano, esteve o ex-preso político Álvaro Pato. A 5 de maio, na Escola Secundária Costa de Caparica, para 7 turmas do 9º ano e 150 alunos falou Xico Braga, que também foi preso pelo fascismo.

Ali ao lado, no **Seixal**, realizaram-se nos dias 26 e 28 de Abril duas sessões com

estudantes do 9.º ano, num total de 100 jovens, na Escola Básica 2, 3 Dr. António Augusto Louro, numa iniciativa da União de Pais. Aí, o ex-preso político Armando Morais e a dirigente da URAP Ana Pato caracterizaram a ditadura fascista nos seus traços gerais e realçaram a necessidade de defender, hoje, a democracia e os direitos. Armando Morais partilhou igualmente a sua experiência pessoal, ao lado da sua companheira, Mariana Morais.

Também na Escola José Afonso, na freguesia da Arrentela, tiveram lugar duas sessões, com 100 estudantes. Participou Álvaro Pato. Na freguesia de Corroios realizaram-se igualmente sessões.

No **Barreiro**, a Escola Mendonça Furtado recebeu, no dia 22, Xico Braga, que conversou com duas turmas sobre o 25 de Abril e temas relacionados com a prisão, a liberdade e a participação cívica. Noutros concelhos do distrito de Setúbal, como **Sesimbra** e da **Moita**, houve igualmente sessões. Neste último, destaca-se a realizada na Escola Secundária da Baixa da Banheira, com José Pedro Soares e Adriano Encarnação, e a do Vale da Amoreira.

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, participou em sessões no concelho de **Vila Franca de Xira**, particularmente na Castanheira do Ribatejo e Vialonga. Em **Loures**, nomeadamente na sede do concelho, Bobadela e Bucelas, os jovens tiveram oportunidade de conversar com José Marcelino e Eduardo Brissos: em seis sessões participaram cerca de 290 estudantes. Ma Escola de Pirescoxe, em

Santa Iria de Azóia, estiveram 150 jovens numa sessão.

Clemente Alves, ex-preso político, participou em duas sessões em escolas de **Oeiras**, com a presença de 150 alunos e 10 professores. Na Escola Secundária da **Figueira da Foz** fez-se uma sessão no Auditório com 120 alunos, dois professores. Participou Jorge Seabra, do Conselho Nacional.

Em **Albufeira**, 40 alunos de duas turmas participaram numa sessão em que entrevistaram Margarida Machado e José Baguinho. No Algarve, houve também sessões em **Silves**.

Faustina Barradas, que resistiu muitos anos na clandestinidade, participou num debate na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a convite da Associação de Estudantes.

Da Escola para o Museu

Nem só nas escolas se faz a intervenção da URAP junto das novas gerações. Desta vez, os jovens - estudantes de duas turmas do 12.º ano da Escola Secundária Rainha Dª Leonor, em **Lisboa** - foram à antiga prisão do Aljube, agora Museu, numa visita guiada por Adelino Pereira da Silva.

Falou-se da dureza selvática das torturas da PIDE e da dignidade pessoal de se lhe resistir, da luta clandestina do PCP por não haver liberdade, e foram dadas respostas a tantas outras perguntas.



Escola Básica de Bucelas, Loures, com José Marcelino, no dia 29 de Abril



Escola Secundária Rainha D. Leonor visita Museu do Aljube com Adelino Pereira da Silva, no dia 4 de Maio

Celebra-se em 2022 o centenário do nascimento de José Saramago, notável escritor (galardoado em 1998 com o Prémio Nobel da Literatura) e empenhado democrata e antifascista. Assinala-se igualmente os 60 anos da heróica luta dos operários agrícolas do Alentejo e Ribatejo, que desembocou na conquista da jornada de oito horas de trabalho, referida no romance *Levantado do Chão*, de José Saramago.

Com este artigo, de Carina Infante do Carmo, a URAP comemora ambas as efemérides.

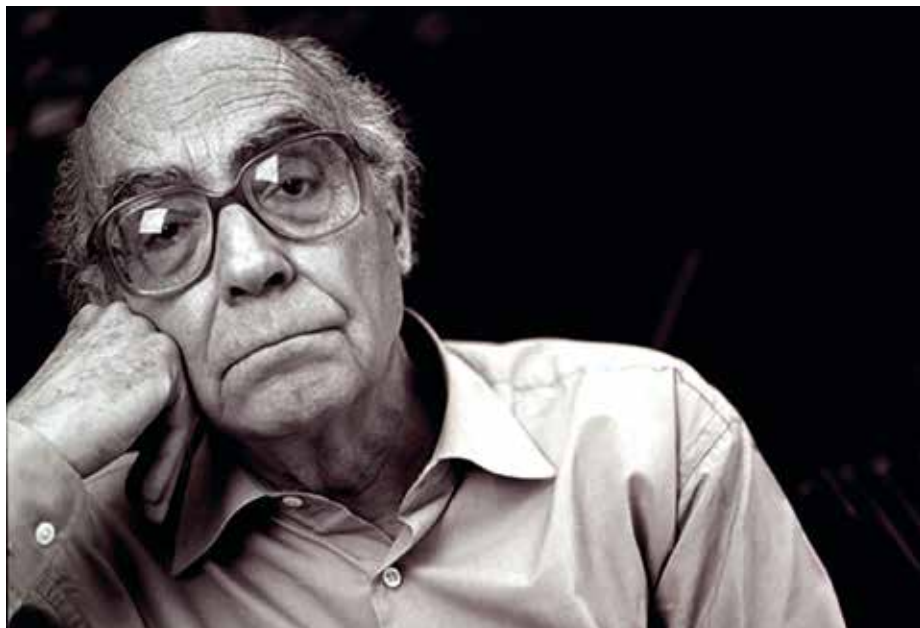
José Saramago, levantar do chão um romance novo

O romance *Levantado do Chão* (1980) corresponde ao nascimento de José Saramago como escritor de projecção nacional e internacional. Não que não tivesse obra publicada anteriormente de enorme qualidade e que não tivesse inclusivamente tentado o género romanesco, como o prova, antes de mais, *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), onde medita sobre os problemas da representação, preparando a elaboração dos mundos narrativos da obra subsequente. Só que, em *Levantado do Chão*, a mudança é mais funda. A marca inaugural do livro que, de resto, acompanha a consolidação da Editorial Caminho, associa-se à descoberta de um estilo de escrita, conforme Saramago declara a Juan Arias em *O Amor Possível* (2003):

Quando ia na página 24 ou 25, e talvez esta seja uma das coisas mais bonitas que me aconteceram desde que estou a escrever, sem o ter pensado, quase sem me dar conta, começo a escrever assim: interligando, inter-unindo o discurso directo e o discurso indirecto, saltando por cima de todas as regras sintácticas.

Eis a génese da voz coral do narrador saramaguiano que modula dialogicamente a frase porque integra as personagens, inclusivamente o narrador e mostra a «admirável evidência da socialidade da linguagem», como lhe chamou Manuel Gusmão. Assim convoca a memória das tensões e da violência de um tempo histórico português e faz a travessia dos tempos com que reescreve a História pela ficção, a partir de um aqui e agora democrático e de liberdade. No fim de contas, aponta um sentido emancipatório da memória esquecida dos sem-História e da possibilidade de transformação social.

Levantado do Chão é a saga de uma família camponesa alentejana, os Mau-Tempo, ao longo do século XX.

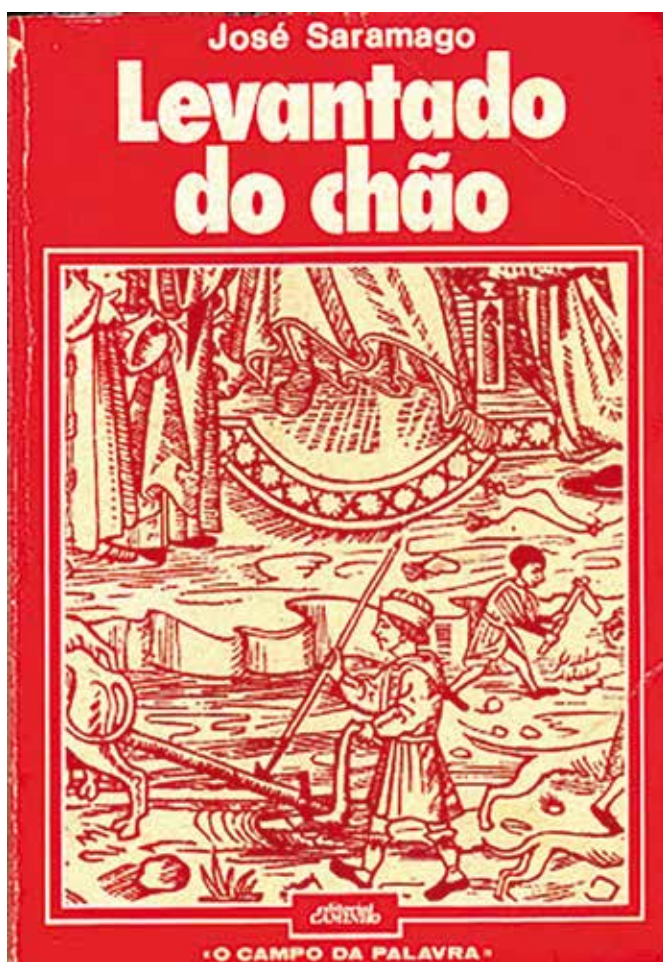


Traça com ela a história do latifúndio, carnalizando a sua história oficial e os seus mitos. Conta a História a contrapelo, diria Walter Benjamin, de outra maneira, formula o narrador de *Levantado do Chão*, pela boca e olhar dos trabalhadores cuja gesta exalta, eles que, pelos séculos fora, foram modelando e fazendo a riqueza da paisagem alentejana.

A representação das personagens, da sua opressão e dos seus sinais promissores de resistência, incorpora matizes do testemunho popular: o fantástico, o maravilhoso, o picaresco, o humor e a sátira. Transporta-nos para o tempo da República e da I Guerra Mundial, para vários momentos da ditadura salazarista, sob o ponto de vista de uma subjectividade popular de que o narrador letrado se apropria e reelabora. E fá-lo expondo-se a si próprio nos seus procedimentos narrativos, revelando os limites do seu contar. Lembremos a cena da prisão de Germano Vidigal, um dos dedicatários do romance, militante comunista de Montemor-o-Novo que, em Maio de 1945, se destaca na luta dos rurais contra a ofensiva de fome do regime fascista. A cena é construída a partir do ângulo das formigas que

transitam pela sala de um posto local da GNR, onde Vidigal, de inequívoco traço crístico, é torturado e morto. Tal opção coloca o leitor no cenário cruento e heróico e, ao mesmo tempo, afasta-o dele, por deixar visíveis os limites do narrador, por assinalar que a cena (com marca testemunhal de um figura e de um facto históricos) é imaginada e objecto de representação romanesca.

Este é um exemplo lapidar da novidade e de também das linhagens literárias de *Levantado do Chão*. De um lado, o livro revela os seus meios compositivos, definidores do romance metaficcional das décadas finais do século XX, excedendo assim a ficção realista anterior. Do outro, homenageia Garrett (citado na epígrafe), Raul Brandão ou o neo-realismo com os quais tem afinidades ideológicas e temáticas indelmentíveis. Em *Diálogos* com José Saramago (1998), de Carlos Reis, chega a declarar que *Levantado do Chão* é «o último romance do neo-realismo, fora já do tempo neo-realista». Com os ficcionistas neo-realistas tem em comum a cosmovisão marxista e o trabalho preparatório da ficção através da inquirição do terreno. Para escrever



Levantado do Chão, Saramago escutou a oralidade dos camponeses do Lavre (Montemor-o-Novo) – similar à que conhecera na sua Azinhaga natal – e teve em conta o manuscrito autobiográfico do camponês João Domingos Serra que veio a prefaciá-lo, em 2010, no livro *Uma Família do Alentejo*, editado pela fundação que leva o seu nome.

Para o autor, *Levantado do Chão* é «o último romance rural possível» (cf. Fernando Gómez Aguilera, *As Palavras de Saramago*, 2010) sobre um mundo em extinção e igualmente «outra maneira de contar, por vezes, a mesma história» (Vitor Viçoso, *A Narrativa no Movimento Neo-Realista*, 2011) da ficção neo-realista: especialmente a que, na década de 1940, tratou a epicidade do protagonista colectivo, na maioria pertencente ao proletariado rural e em parte mobilizado pela promessa revolucionária. Todavia, centrado que está no leitmotiv da privação da humanidade, o neo-realismo não se cingiu à denúncia das injustiças sociais, já que, sobretudo na fase de maturação dos anos 1950-60, deu corpo a personagens mais complexas, inclusive da burguesia rural decadente. Daí que sejam mais raros

do que se pensa os heróis positivos e que se tenham multiplicado (em Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira ou *Barranco de Cegos*, de Redol) percursos malogrados, sem escapatória para a sua alienação, a não ser pela revolta anárquica, isolada ou fracassada.

Levantado do Chão discute a superfície do texto literário e apresenta-se ironicamente como revisão e cruzamento de vários discursos. Afinal, contar o

passado implica escolher entre várias escolhas possíveis: neste caso, privilegia o lado esquecido da História, a exploração, a fome dos trabalhadores e, aos poucos, a sua consciencialização sobre a engrenagem do latifúndio e a necessidade de a terra pertencer a quem a trabalha.

Daí o epílogo evocar os que foram morrendo e os que ganharam noção da necessidade de se organizarem para lutar pelo direito ao trabalho, pela jornada de oito horas e pelo uso útil e comum da terra. E também os que, por fim, percorrem os campos para ocuparem herdades: homens e mulheres, mortos e vivos, homens e animais que se levantam e caminham lado a lado, erguendo a Reforma Agrária. Fixa-se aí o momento de júbilo e resgate dos povoadores antigos do Alentejo, forma de aproximação à vida e ao sonho que inclui o narrador e os seus leitores, graças ao livro em cuja contracapa se lê:

Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças. Também do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira. Enfim, cá estou outra vez a sonhar. Como os homens a quem me dirijo.

Carina Infante do Carmo

Professora universitária



Grafiti da autoria de Alexandre Farto (Vhils) na fachada da Universidade Carlos III, Madrid

25 de Junho em Lisboa e 29 no Porto

Desfiles pela paz, contra a guerra e a corrida aos armamentos

A URAP foi uma das muitas organizações que aderiu ao Apelo Paz Sim, Guerra e Corrida aos Armamentos Não, base para a realização dos desfiles de 25 de Junho, em Lisboa, e 29, no Porto. «O respeito pelos princípios do direito internacional, conformes com a Carta da ONU e os constantes na Acta Final da Conferência de Helsínquia, é o caminho para garantir a paz, a segurança, a cooperação, a justiça, os direitos dos povos», começa por salientar.

Lançado por personalidades das mais variadas áreas da vida nacional, o Apelo unia na condenação da guerra e na profunda preocupação com o agravamento da situação mundial e os sérios perigos para a Humanidade que dele decorrem, independentemente de «opiniões diversas sobre os desenvolvimentos no plano internacional». Ao grupo inicial de 15 promotores, somaram-se muitos outros, individuais e colectivos.



No texto, rejeitava-se o aumento das despesas militares, a corrida aos armamentos, a produção de mais sofisticadas armas, a instalação de bases militares em países terceiros e reafirmava-se o empenho na diplomacia para a solução política dos conflitos. Rejeitadas eram também as sanções, que não só se inserem na lógica da confrontação, como atingem sobretudo as condições de vida das populações.

Reafirmando os princípios consagrados no artigo 7.º da Constituição da República Portuguesa, o Apelo considerava «imprescindível e urgente» que as autoridades portuguesas não contribuíssem para a escalada de confrontação e de guerra, mas, pelo contrário, «para a criação de condições de diálogo que garantam o estabelecimento de um clima de confiança».

77.º aniversário da Vitória sobre o nazi-fascismo

A URAP assinalou o Dia da Vitória, que marca a rendição incondicional da Alemanha nazi e o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Para trás ficava a maior tragédia da história da humanidade: cerca de 55 milhões de vítimas, entre as quais 20 milhões de cidadãos soviéticos. Auschwitz e os muitos outros campos de concentração e extermínio nazis estão entre os mais hediondos crimes do nazi-fascismo.

Este ano, lembra a URAP, as celebrações do Dia da Vitória decorreram em condições muito particulares: uma guerra no Leste europeu corre agora o risco de atingir proporções alarmantes e mesmo de tornar-se num conflito mundial, dadas as forças em presença. Grave é, também, o peso cada vez maior dos ultraliberais e neofascistas nas estruturas políticas de muitos países da Europa e do mundo.

Tudo o que foi claro em 1945, como a libertação do fascismo e da guerra, regressou agora com mortes, feridos, refugiados e destruição.

A URAP apela ao fim da guerra, na Europa e em outros pontos do globo, ao cessar-fogo imediato e à resolução dos conflitos através da diplomacia com negociações efectivas e duradouras de acordo com o Direito Internacional, legado da Vitória inscrito na Carta das Nações Unidas. A construção de um



Celebração da vitória em Lisboa. Maio de 1945

Mundo mais justo, solidário e de paz, realça, continua hoje, 77 anos depois da Vitória sobre o nazi-fascismo, a estar na ordem do dia e a ser defendido por milhões de seres humanos.

Também a Federação Internacional de Resistentes Antifascistas (FIR), de que a URAP é membro, divulgou um comunicado em que saúda a comemoração dos 77 anos da Vitória sobre o nazi-fascismo, em 9 de Maio de 1945, no qual deixa uma forte mensagem: «Parem todas as hostilidades imediatamente! Paz agora! Retirada de todas as tropas estrangeiras da Ucrânia! A guerra não é uma solução! Retorno à diplomacia e às negociações!»

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses